

Construções e desconstruções da grande reportagem em *A Liga* e *Profissão Repórter*

Os programas de grande reportagem se consolidaram na grade televisiva noturna desde os anos 1980, quando o *Globo Repórter* (Globo) deixou o formato de documentário e passou a investir em narrativas mais próximas ao jornalismo. O modelo deixado pelo programa apresentado por Sérgio Chapelein acabou tornando-se padrão para outras redes, vide os programas *SBT Repórter* e *Repórter Record*. A proposta já é conhecida: apresentar um tema a partir de diversos ângulos. A formatação também: a cada bloco, uma reportagem com começo, meio e fim, é exibida. A fórmula também apresenta um mediador, que amarra o programa e introduz as reportagens, e repórteres que fazem a cobertura dos assuntos. O produto final segue um padrão estabelecido pelos manuais de reportagem, como se fosse uma ampliação das notícias vistas nos telejornais diários, enriquecida, claro, com recursos sonoros, dados estatísticos, e um tempo mais longo para a descrição do fato. Destaca-se, também, a presença de entrevistas com profissionais especialistas e pessoas comuns que vivenciam a situação descrita, sendo que a ênfase recai, muitas vezes, nos primeiros.

Atualmente, porém, a televisão brasileira exhibe, nas noites de terça, dois programas que buscam desconstruir esse modelo: *A Liga* (Band) e *Profissão Repórter* (Globo). A proposta é semelhante à dos programas já consolidados na grade: apresentar um tema a partir dos vários desdobramentos que pode ter. Entretanto, a linguagem audiovisual e a narrativa dos repórteres apresentam algumas novidades com relação ao formato já estabelecido dos programas de grande reportagem.

De início, é possível notar a tentativa de construir uma narrativa cruzada das histórias que compõem os programas. Ao invés de dividir os assuntos por bloco, como fazem os programas tradicionais, em *A Liga* e *Profissão Repórter* cada bloco é composto por duas ou mais narrativas, construindo um efeito de simultaneidade entre os acontecimentos. Na edição que tratou sobre a sexualidade na adolescência (13 jul. 2010), *A Liga* mostrava a repórter Rosanne Mulholland conversando com cinco rapazes sobre suas aventuras nas baladas, namoro e sexo, enquanto Rafinha Bastos, em outro canto da cidade de São Paulo, acompanhava quatro meninas se arrumando para uma festa à fantasia. No *Profissão Repórter* sobre a noite no Rio de Janeiro e em São Paulo (6 jul. 2010), enquanto a repórter Eliane Scardorelli cobria uma balada matinê, o repórter Felipe Suhre presenciava uma balada no viaduto do Rio de Janeiro, e Júlia Bandeira descrevia a noite de luxo numa casa noturna em São Paulo. O efeito que fica sobre o telespectador é que o programa inteiro é uma grande reportagem – e não um conjunto delas – elaborada pelos seus repórteres.

As divisões de uma história para outra são marcadas principalmente por efeitos visuais: desfoque na câmera, imagens em computação gráfica, imagem congelada, quadros em preto e branco, entre outras estratégias que dizem ao telespectador que ele será deslocado no espaço/tempo e novos personagens serão introduzidos.

Outra marca dos programas é a descentralização das entrevistas com especialistas, para dar lugar às histórias de vida. Os dois programas procuram mostrar o tema a partir de quem o vive, mas por meio de estratégias diferentes. *A Liga*, por meio de uma espécie de “participação observante”, na qual o repórter se insere na realidade de seu entrevistado. Como já ressaltou **Juliana Gutmann (ver “A Liga: a vez do jornalismo-performance”)**, a atitude dos repórteres de *A Liga* é mais performática do que imersa, oferecendo ao telespectador um olhar estrangeiro sobre uma situação que eles deixam claro não ser a sua. O *Profissão Repórter* assume uma postura um pouco mais distanciada, o que fica evidente no uso do microfone para demarcar o lugar de repórteres em busca de informações.

Isso não quer dizer, porém, que especialistas não apareçam nos programas. Eles integram a narrativa para dar sentido às experiências descritas. No caso de *A Liga*, há uma tentativa de desconstruir o lugar institucional ocupado pelo entrevistado e simular uma conversa casual entre o repórter e sua fonte. Talvez por isso, eles apareçam fora de seus ambientes de trabalho, em locais abertos e caminhando, como se *A Liga* quisesse transformar discursivamente um dos procedimentos jornalísticos mais relevantes para a profissão – a entrevista – numa atividade da vida cotidiana – um bate-papo. No *Profissão Repórter*, as fontes oficiais são ouvidas pelo

experiente repórter da Globo Caco Barcellos, que é o apresentador e "diretor" das equipes de reportagem de seu "programa de treinamento".

Nos dois programas, os repórteres assumem um relato subjetivo da cobertura, deixando escapar ao telespectador as etapas do processo de cobertura e o modo como são afetados pelos temas abordados: "eu vou falar agora com a mãe da Júlia para saber como ela encara a vida sexual da sua filha adolescente" (Rafinha Bastos, *A Liga*); "as meninas não querem que a gente mostre que elas estão beijando. Agora, para os meninos, tudo bem" (Eliane Scardorelli, *Profissão Repórter*). Com isso, os programas buscam aproximar o telespectador do processo de cobertura dos assuntos, o que também não é muito comum nos programas jornalísticos tradicionais.

No fundo dessa proposta de desconstruir padrões televisivos, há uma associação imediata à juventude dos repórteres, como se essas rupturas fossem possíveis pelo fato de serem jovens, ousados e aventureiros. Apesar das semelhanças, os dois programas possuem modos distintos de se construir jornalisticamente e de se relacionar com a audiência. *A Liga* procura dar autonomia aos quatro repórteres que compõem o programa, de modo que um se torna narrador da história do outro. Assim, as vozes se cruzam para construir um discurso unívoco, que termina com uma consideração final: "a nós, pais, só resta entendê-los e deixar bem claro que hoje é preciso estar bem informado e se proteger sempre".

No *Profissão Repórter*, porém, as coberturas passam pelo crivo de Caco Barcellos, que incorpora o Padrão Globo de Qualidade para aprovar ou censurar o trabalho de seus "jovens repórteres". Nesse caso, a ruptura com padrões estabelecidos parece ser um caminho até que os repórteres alcancem a experiência de seu "mentor", e não uma nova proposta narrativa do telejornalismo.